

ANÁLISE DE UM PROJETO DE LEITURA LITERÁRIA EM UMA ESCOLA RIBEIRINHA: PERCURSO E PERCALÇOS

Jodilson VASCONCELOS¹
Sandra Maria JOB²

Recebido: 18/02/2022
Aceito: 11/04/2022

RESUMO

É sabido da importância, em vários aspectos, da leitura literária para o desenvolvimento cognitivo e do senso crítico. Ciente disso, o projeto de extensão “Literatura para quê(m)?: fruição e cognição social”, coordenado pela Profa. Dra. Sandra Maria Job, tem como objetivo desenvolver atividades de leitura oral e/ou dramatizada junto a estudantes, do 6º ao 9º ano, de escolas ribeirinhas no entorno de Breves-PA. O intuito é despertar nesses discentes o gosto pela leitura literária. Neste contexto, o objetivo desse artigo é analisar, a partir de um questionário sem identificação, o perfil dos alunos, no que tange ao hábito ou não da leitura, da escola municipal, localizada no rio Guajará, onde o projeto tem sido desenvolvido. Busca-se também analisar as possíveis dificuldades/empecilhos para o trabalho docente com o texto literário, nesta escola, assim como do/s empecilho/s para tornar o discente um leitor de textos literários. Para atingir os objetivos propostos, partimos de uma pesquisa bibliográfica (COSSON, 2015; ARANA e KLEBIS, 2015 etc.) e de uma pesquisa de campo que conta com mais de cento e cinquenta questionários respondidos voluntariamente pelos discentes. A análise dos dados evidenciou, entre outros aspectos, que mesmo enfrentando dificuldades o percentual de alunos interessados por leitura é grande e que se ainda não são leitores de literatura, neste caso, em específico, é devido à vulnerabilidade econômica e social e à falta de oportunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de leitura. Leitura literária. Escola.

ANALYSIS OF A LITERARY READING PROJECT IN A RIVERSIDE SCHOOL: PATH AND HINDRANCES

ABSTRACT

The importance, in several aspects, of literary reading for the cognitive development and critical sense, is a fact. Therefore, the extension project “Literature for what(m)?: fruition and social cognition”, coordinated by Prof. Dr. Sandra Maria Job, aims to develop oral and/or dramatized reading activities with students from the 6th to the 9th year of riverside schools in the surroundings of Breves-PA. The aim is to awaken in these students a taste for literary reading. In this context, the objective of this article is to analyze, from an unidentified questionnaire, the profile of students, regarding the habit of reading, or lack thereof, of the municipal school, located on the Guajará river, where the project has been developed. It also seeks to analyze the possible difficulties / obstacles to the teaching work with the literary text, in this school, as well as the obstacle / s to make the student a reader of literary texts. To achieve the proposed objectives, we started with a bibliographic research (COSSON, 2015; ARANA and KLEBIS, 2015 etc.) and a field research that has more than one hundred and fifty questionnaires answered voluntarily by the students. The data analysis showed, among other aspects, that even facing difficulties, the percentage of students interested in reading is large and that if they are not yet readers of literature, in this case, in particular, it is due to economic and social vulnerability and the lack of opportunity.

KEYWORDS: Reading project. Literary reading. School.

¹ Graduando em Letras na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves. Bolsista PIBEX/2021-2022.

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e docente na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves.

INTRODUÇÃO

Creio que uma forma de felicidade é a leitura. (Jorge Luís Borges)

É sabido da importância, em vários aspectos, da leitura literária para o desenvolvimento cognitivo e do senso crítico, além de outros benefícios. Contudo, também é de conhecimento público o quanto a literatura ainda está distante da realidade de muitas crianças e adolescentes, embora existam campanhas de incentivo à leitura no Brasil.

Neste contexto, o objetivo desse artigo é analisar, através de um questionário sem identificação, o perfil dos alunos, no que tange ao hábito ou não da leitura, de uma escola municipal localizada no rio Guajará, no entorno da cidade de Breves, que fica no Arquipélago do Marajó, no Pará. Busca-se, além disso, analisar as possíveis dificuldades/empecilhos para o trabalho docente com o texto literário em sala e de o discente, da escola ribeirinha em questão, ser um leitor de textos literários.

Para atingir os objetivos propostos, partimos de uma pesquisa bibliográfica (COSSON, 2015; ARANA e KLEBIS, 2015, entre outros) e de uma pesquisa de campo que conta com mais de cento e cinquenta questionários respondidos pelos discentes que foram informados, antes, sobre o objetivo do mesmo, assim como da não obrigatoriedade em respondê-lo.

Com relação à estrutura do trabalho, trazemos na primeira parte uma discussão sobre a leitura literária na escola e da experiência de um dos autores deste, enquanto estudante/leitor. Na segunda parte a análise proposta. E, por fim, a conclusão.

1. BREVES LEITURAS: DA ESCOLA E DO DISCENTE

Quem gosta de ler não morre só. (Ariano Suassuna)

A leitura de textos literários, desde as últimas décadas do século passado, tem sido alvo de grandes campanhas de incentivo por parte da sociedade, do governo, de instituições de ensino e outras. Mas, aparentemente, tais incentivos não têm conseguido atingir, de forma satisfatória, os estudantes, na sua grande maioria, pois ainda existe um grande e significativo *déficit* na formação de leitores de literatura, como pode ser observado, por exemplo, quando aplicamos algum tipo de questionário que envolva leitura de textos literários em escolas públicas no Marajó das florestas, em

específico. Contudo, vale frisar que todo e qualquer incentivo é válido e necessário, aliás, o incentivo da sociedade, das escolas, da família ainda é o caminho possível para formar leitores qualificados (KLEIMAN, 1989) de literatura. E é válido, por que a leitura, entre outros benefícios intelectuais, sociais, é uma das formas possíveis para que o indivíduo desenvolva o senso crítico, como já comentado.

Sendo algo tão relevante e, como argumenta Antônio Cândido (1995), um direito, como, de fato, tem sido o trabalho com a literatura em sala de aula?

Para Cosson (2015), a leitura literária teve o seu espaço diminuído, mas ainda assim continua presente no âmbito escolar. Ainda de acordo com este autor, atualmente o trabalho com leitura em sala de aula ocorre de duas formas: a leitura ilustrada e a leitura aplicada. O primeiro caso (leitura ilustrada), define-se por ser uma atividade de “fruição e deleite”, que visa incentivar o aluno a adentrar no mundo da leitura e com isso melhorar sua escrita, o segundo caso, por sua vez, pode ser entendido como uma atividade que visa promover conhecimento (COSSON, 2015). Nesse caso a leitura em sala de aula teria a intenção de informar o aluno sobre determinado assunto presente no texto aplicado. Além disso, a leitura pode se tornar um suporte para o ensino da língua. Nesse sentido, Carvalho (2015) afirma que a literatura é de suma importância para o ensino de língua portuguesa. Ainda para Carvalho (2015), quanto mais o aluno ler bons livros, mais ele aprenderá sobre os mecanismos de funcionamento da língua, tanto escrita quanto falada.

Ainda no tocante à leitura ilustrada e aplicada, é sabido que as duas formas de uso da leitura literária são utilizadas nas escolas de todo o Brasil e que a finalidade delas, em sala de aula, muda de acordo com as etapas de ensino. Vale ressaltar que a complexidade dos textos também vai mudando de acordo com a idade e o hábito de leitura do aluno.

Já em relação à forma do trabalho docente, no que diz respeito à leitura literária, Cosson (2015) afirma que eles (professores) assumem um papel muito importante como mediadores da leitura literária, pois os docentes têm a responsabilidade de orientar, incentivar os alunos a lerem até desenvolverem a “independência literária” (que ocorre quando os alunos buscam e acessam livremente as obras disponíveis a eles). Contudo, para além da relação professor-aluno-livro,

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: **dispor de uma biblioteca bem aparelhada**, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem

a literatura e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 17, grifos nossos)

Porém, embora estejamos no ano 2022, entre o estipulado por Bordini e Aguiar, em 1988, e a realidade atual ainda há uma grande distância a ser percorrida, por inúmeros motivos, como, por exemplo, ausência de infraestrutura física em algumas escolas. Haja vista, neste sentido, a ausência de bibliotecas em muitas delas. Nesse sentido, é relevante informar que, em se tratando de bibliotecas – onde o aluno e o professor poderiam, no lugar de cópias, emprestar o livro para ser lido –, no Censo Escolar feito pelo MEC/INEP, em 2010, consta que no Tocantins e Marajó tinham 2.716 escolas. Destas, em apenas 251 tinham bibliotecas. Ou seja, nem 10%, mesmo somando as bibliotecas das duas regiões distintas. E sabendo que não basta ter uma “biblioteca”, pois o acervo bibliográfico também é importante tanto quanto o livre acesso do aluno a ele, conclui-se que há uma grande luta a ser travada pela sociedade para que a situação se altere significativamente.

E a situação não diz respeito somente à biblioteca, pois, “a qualidade e quantidade das escolas existentes nos municípios do Marajó são inferiores à demanda por educação [...]” (in: RELATÓRIO ANALÍTICO DO TERRITÓRIO DO MARAJÓ, 2012, p. 26 – on-line). Neste contexto, vale ressaltar que

A educação básica de qualidade para todos é o 2º Objetivo de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas. O Brasil está distante de alcançar esse objetivo no Marajó. As notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) mensuram o tamanho da desigualdade no acesso à educação de qualidade no Marajó. (CAMPOS et al, 2011, p.30)

Desigualdade esta que se fora, ainda que modestamente, minimizada de 2012 a 2019, seguramente foi agravada nos dois últimos anos por conta da pandemia causada pela Covid-19. Desigualdades que são acentuadas pela ausência de leituras – seja em sala de aula, seja no seio familiar.

1.1 DO DISCENTE: A LITERATURA NA MINHA FORMAÇÃO EDUCACIONAL

Embora ainda esteja cursando Letras, isto é, mesmo não sendo professor, já ficou evidente a importância da leitura literária sob vários aspectos. Por isso, é sempre relevante ratificar a importância do incentivo à leitura, mesmo quando o professor e/ou o bibliotecário não indicam, por desconhecimento, títulos ou se indicam, mesmo que o acesso à obra indicada seja difícil.

VASCONCELOS, Jodilson; JOB, Sandra Maria. Análise de um projeto de leitura literária em uma escola ribeirinha: percurso e percalços. In: *Revista Falas Breves*, n. 11, junho, 2022, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-Pará. ISSN 23581069

No que diz respeito a minha experiência enquanto leitor, morador em área urbana de Breves, lembro-me que nos primeiros anos do fundamental I, os professores trabalhavam a leitura literária através de texto infantil e juvenil como contos, lendas, poemas etc. que eram lidos pelos docentes ou cada aluno ficava responsável por ler um trecho do texto para a turma. Nessa fase eu estudava em uma escola urbana, na região central, no turno da tarde. E ali tínhamos acesso ao acervo de livros disponíveis na biblioteca. Os alunos podiam realizar empréstimos dos livros para ler em sua casa, o que pouco acontecia, pois não havia nenhum incentivo ou indicação de títulos literários por partes dos professores, responsáveis etc. e isso se repetiu durante os anos seguintes. Quanto a essa ausência de recomendação de leituras por parte dos/as docentes, não cabe a este trabalho analisar os porquês, embora saibamos que eles existem e são vários e distintos.

Já em outra escola pública, no ensino fundamental maior, foi perceptível, durante as aulas ao longo do 6º ano, que em nenhuma das disciplinas os textos literários eram solicitados, e só os livros didáticos eram usados. O trabalho com a literatura em sala de aula, de forma efetiva, só teve início a partir do 7º ano, pois a professora, esta sim, trabalhava a leitura e interpretação de textos com os alunos através do livro *Contos populares espanhóis*, da autora Yara Maria Camillo, por exemplo. Nas aulas deste período escolar, cada aluno escolhia um conto do livro e após realizar a leitura, deveria responder algumas perguntas, como, por exemplo, “Qual o título do texto?” ou “O narrador participa da história?” Em suma, a análise era de cunho estruturalista, formalista, embora a professora nunca tenha nem cogitado sobre qual o tipo de abordagem teórica empreenderíamos ao longo da análise.

Ainda em relação à metodologia da professora, após essa atividade, outros títulos eram indicados, o que foi essencial para que alguns alunos pudessem ler com mais frequência. E através das leituras solicitadas em sala de aula pude perceber o bem que a leitura me fazia. Os contos indicados pela professora tinham um cunho satírico e eram muito divertidos. E a partir desses textos fui em busca de outros títulos como: *Histórias tecidas em seda*; *Gotas de poesia*; *O santinho*; *Cinco estrelas*; *As crônicas de Nárnia*; *O chupa-tinta*; *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*; *O desaparecimento de Katharina Linden*; *Minhas memórias de Lobato*; *O vampiro que descobriu o Brasil* etc. Livros estes que foram de extrema importância na minha formação como leitor.

Além disso, no ano de 2011 foi inaugurada a sala de leitura na escola. Essa sala tinha a função de proporcionar aos alunos um contato mais direto com o livro no intuito de fazê-los se habituarem a

viver rodeados por livros para adquirir o hábito da leitura. Porém, poucos alunos visitavam a sala, e os que iam decepcionavam-se com a falta de diversidade de títulos. E diante dos poucos títulos que havia, decepcionavam-se também com os poucos exemplares disponíveis para empréstimo. Constantemente, no contraturno das aulas, eu visitava a sala de leitura ou ia à biblioteca municipal para ler ou pesquisar. Durante minhas visitas, li vários livros que contribuíram imensamente para meu desempenho em sala de aula, como *A odisséia*, *Os Lusíadas* (versão simplificada), *O fantástico mistério de Feiurinha* etc., todos me ajudaram a desenvolver o gosto e o hábito pela leitura. Gosto incentivado/despertado lá no 7º ano, pela professora que apresentou e nos fez ler os *Contos populares espanhóis* e também por aquela “sala de leitura” – pois quaisquer tentativas para despertar o hábito da leitura na criança, adolescentes são sempre válidas.

Claro que, infelizmente, esse despertar não ocorreu com todos os alunos, pois a grande maioria não lia - nem em casa e nem na escola. Dessa maneira, por mais que tivessem alguns livros literários disponíveis, não havia nada que atraísse a atenção de alguns alunos para eles, conseqüentemente, eram poucos os que ainda utilizavam a sala de leitura ou caminhavam para a biblioteca municipal com intuito de ler por prazer.

Já na escola estadual onde cursei o ensino médio, a escola Gerson Peres, o trabalho com a leitura era totalmente diferenciado. Todas as turmas tinham um horário semanal na sala de leitura com um/a professor/a que trabalhava com livros literários e atividades complementares, o que foi importante para que eu pudesse ler com mais frequência, pois semestralmente era indicado pelos professores a leitura de determinado livro que serviria como base para as avaliações de Língua Portuguesa e Literatura. Segundo os professores que trabalhavam na sala de leitura, o objetivo era despertar nos alunos o hábito de ler, por isso quando não havia exemplares disponíveis (e na maioria das vezes não havia), as obras eram disponibilizadas por meio de cópias ou em PDF (aquilo que fosse mais viável) – o que sabemos, hoje, o quanto é prejudicial para o/a autor/a e, por isso também, é algo que merece estudos, que não caberá a esta pesquisa, e uma maior conscientização sobre o tema no meio acadêmico.

Durante esse período eu lia, sempre que possível, de dois a três livros por mês. De *best seller* passei a ler os clássicos da literatura brasileira e portuguesa, o que contribuiu muito para escolher o curso de Letras.

Desse último período relatado acima aos dias de hoje mais de cinco anos se passaram e, nesse meio tempo, a questão da prática de leitura na educação marajoara, claro, vem sofrendo mudanças que espero tenham sido para melhor. Contudo, seguramente, nem tudo ainda são flores na educação brasileira e, em particular, na educação no Marajó, por vários motivos. Por isso, conhecer um pouco, ainda que de forma parcial, a realidade do trabalho com a leitura de textos literários em uma escola ribeirinha, em particular, é a proposta a seguir.

2. LITERATURA PARA QUÊ(M)?: FRUIÇÃO E COGNIÇÃO SOCIAL³

Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro. (Henry David Thoreau)

O incentivo à leitura no Brasil, como já comentado, tem recebido apoio dos governos e da sociedade. E mereceu espaço nos documentos oficiais como os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), onde é sugerido que o trabalho com a leitura seja algo diário (1998), assim como também está presente em documentos oficiais das escolas de ensino fundamental e médio. Por isso, buscando atender ao proposto nos documentos oficiais, é sabido que em muitas escolas projetos de leitura são pensados e, na medida do possível, executados. Muitos desses projetos visam às salas de leitura, como citado no relato acima, por exemplo. Fora do contexto escolar, a sociedade também tem procurado tornar o texto literário acessível para o leitor com propostas como a de 1) geladeiras coloridas colocadas em espaço público, na qual os livros ali deixados podem ser “emprestados” livremente, 2) livros deixados em ônibus, em praças, 3) poesias fixadas em ônibus. Enfim, são inúmeras ideias criativas para levar um direito (CÂNDIDO, 1995), o texto literário, até o cidadão.

Em Breves-PA, embora ainda não tenhamos ideias tão criativas, projetos para incentivar o hábito da leitura também existem no município, contudo, têm esbarrados nos dados já citados anteriormente: ausência de bibliotecas, por exemplo, falta de diversidade de gêneros no acervo etc. Apesar dos constantes percalços, os projetos existem, como é o caso do projeto de extensão Literatura para quê(m)?: fruição e cognição social.

³ A pesquisa *O Brasil que lê* (<https://obrasilquele.catedra.puc-rio.br>) conferiu a este projeto o “Certificado de Registro de Aplicação”. Conforme consta no documento, é um certificado que “comprova a sua participação e contribuição no mapeamento das iniciativas de promoção de leitura e formação de leitores no país (2020-2021)”.

Este projeto é coordenado pela professora Sandra Maria Job, teve início em 2019 e é desenvolvido na Universidade Federal do Pará, no Campus de Breves. Ele visa incentivar e despertar no público-alvo – discente do ensino fundamental, de escolas ribeirinhas – o gosto pela leitura literária, assim como desenvolver o olhar crítico para o discurso literário. Para isso, utiliza como estratégia a leitura oral (dramatizada ou não), interpretação de texto em forma de discussão/debate. Por conta da pandemia, além de motivos financeiros, ainda no ano de 2019, o projeto só pôde estar em uma escola ribeirinha, localizada no rio Guajará. Do pouco material obtido ao longo desses anos, trazemos neste artigo uma análise do questionário respondido de forma voluntária pelos discentes durante a primeira visita⁴ à escola que denominaremos de escola X, por opção nossa.

Com relação à escola X, a coordenadora do projeto foi muito bem recebida pela direção, corpo docente e discentes. Em 2019, esta escola era uma das que ainda não tinha biblioteca. É construída sob palafita, na frente da escola há um rio e ao fundo a floresta, não tendo, em 2019, área externa ampla onde os alunos pudessem correr livremente. A sala dos professores era minúscula e lá, num cantinho, se encontravam os livros que, segundo informaram, são livros didáticos. Já as salas de aulas, na sua grande maioria, eram amplas, mas mesmo assim quentes e não tinha ar-condicionado. No dia da visita, não havia merenda escolar, pelo menos nenhum aluno foi visto comendo merenda escolar.

Em relação ao questionário aplicado nas turmas, ele foi entregue aos alunos após o término das leituras orais e eles foram orientados sobre o teor e objetivo do mesmo (quando e no que seria utilizado; na não obrigatoriedade de responder; não colocar nome etc).

Com relação às atividades desenvolvidas, foram levados dois contos⁵ curtos, a saber: *Manu* e ‘As aventuras de Cadinho’⁶, ambos de Sandra M. Job, e o conto de Mia Couto, ‘O dia em que explodiu Mabata Bata’, que aborda a exploração do trabalho infantil, além da situação pós-guerra em Moçambique. O professor L., um ex-aluno do curso de Letras da UFPA, do Campus de Breves, cedeu as aulas dele para o desenvolvimento da atividade de leitura e permaneceu na sala ao longo das atividades, nos dois turnos.

⁴ O bolsista ainda não participava desse projeto na data da visita, por isso, as informações pertinentes às atividades desenvolvidas na escola foram compartilhadas pela coordenadora durante as reuniões do projeto.

⁵ Os dois textos trazem personagens ribeirinhos e as histórias se passam em comunidades ribeirinhas. A escolha dos textos levou em consideração a possibilidade de o tema e os personagens serem crianças e, por isso, agradarem mais a eles, por questão de identificação.

⁶ “As aventuras de Cadinho” é um dos contos selecionados para ser publicado, em breve, pelo selo Diálogos da Diáspora, pela editora HUCITEC.

Após a apresentação da coordenadora do projeto pelo professor L., a coordenadora iniciava sua fala discorrendo sobre gostar e desgostar de certas comidas, de ler, explicando-lhes os possíveis porquês de muitas pessoas desgostar das coisas, assim como de ler. E concluía dizendo para as pessoas que diziam não gostar de ler que é possível, sim, aprender a gostar de ler. E pedia licença para compartilhar com eles as leituras de três contos.

Após a leitura, o momento era destinado à compreensão, discussão dos textos e do debate. Para tanto, o momento era iniciado com uma pergunta simples sobre qual texto chamou mais a atenção deles e por quê⁷? A perguntava visava saber sobre as preferências literárias para, no próximo encontro, procurar textos afins. Além disso, tinha como intuito levá-los a traduzir em palavras o/s aspecto/s que chamou/aram a atenção deles, como, por exemplo, a fome, a criança ser impedida de ir à escola etc. Já o debate, que girava em torno dos temas presentes nos textos, visava despertar o olhar crítico deles para o discurso literário. Vale ressaltar que os três textos lidos trazem questões sociais importantes como raça/etnia, trabalho infantil, fome. Com isso, o intuito era fazê-los refletir sobre racismo, desigualdades sociais, sobre violência contra mulher e também sobre a própria realidade. Os alunos se mostraram extremamente participativos e interessados quando a discussão saiu do texto e veio para a vida real. Ao fim dessas atividades, o questionário era explicado e entregue para os alunos que devolviam preenchido se assim eles quisessem.

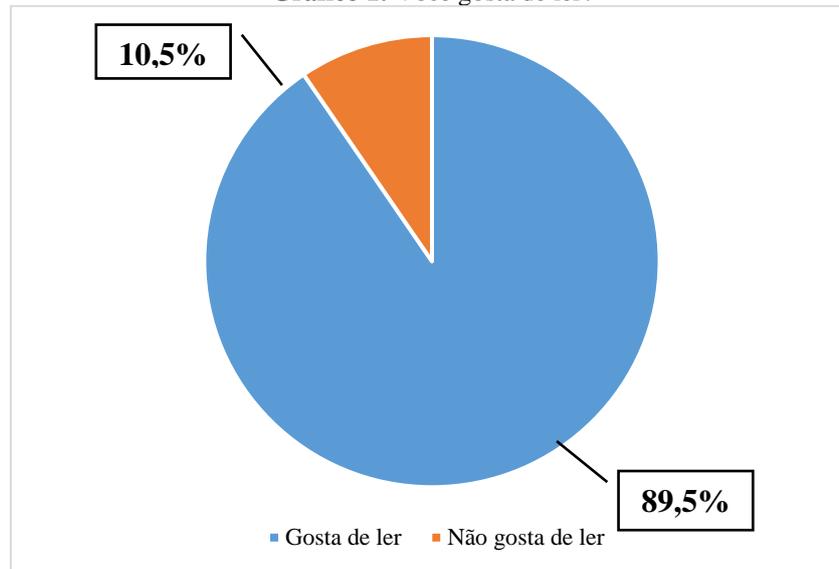
O questionário⁸ foi entregue em todas as turmas, exceto para o 9º ano vespertino, pois, devido ao adiantado da hora, esta turma não foi contemplada com a atividade, embora a coordenadora tenha entrado na sala e conversado com eles por alguns minutos. Quando ao conteúdo do questionário, constavam três perguntas que exigiam justificativas, como a primeira, por exemplo: “Você gosta de ler?”. Na sequência, caso assinalasse o sim, o/a discente teria que dizer qual o gênero literário que mais gostava.

Abaixo segue a tabela com a porcentagem obtida das respostas referentes à primeira pergunta.

⁷ O texto preferido pela maioria dos discentes foi “As aventuras de Cadinho”. Muito possivelmente por que narra as aventuras e tristezas de um menino ribeirinho incompreendido pelos pais, mas que no final faz uma grande e importante descoberta pessoal.

⁸ Com relação a números específicos, como era uma primeira visita que tinha apenas o objetivo de apresentar a proposta e conhecer o público-alvo, não foi solicitada uma lista de presença para saber o número de alunos presentes, pois o projeto previa retorno da coordenadora e bolsista em outros três momentos, no espaço de, no máximo, três meses entre um e outro. Naquela visita, foram atendidas 2 (duas) turmas pela manhã e 4 (quatro) turmas à tarde. As salas tinham, segundo professor L., em média, 25 a 30 alunos.

Gráfico 1: Você gosta de ler?



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como pode ser observado, no tocante à questão objetiva, a grande maioria respondeu que sim. E se respondesse sim, tinha que responder qual o gênero preferido. Contudo, poucos a responderam. Das respostas obtidas, alguns escreveram que o gênero preferido é/são: “histórias em *quadrinho*” ou “os *gibes* da *Monica*”; cinco citaram “*romaci*” (romance), quatro alunos citaram: “eu gosto de aventura”, três citaram “Eu gosto de *mistero*”, outros três citaram “*tero*” (terror?). Um aluno citou poesias e outro discente respondeu “eu gosto de ler revistas”, “bíblia sagrada”. Vale frisar que muitos alunos, aparentemente, não souberam responder quais os seus gêneros favoritos e/ou não entenderam a palavra gênero, pois responderam: “português”, “qualquer um”, “gênero que tem várias leituras”, “histórias” ou não responderam.

As respostas que mostram o desconhecimento sobre gênero e/ou a ausência de resposta, levam-nos a crer que os discentes não têm conhecimento sobre gêneros literários e/ou eles não têm acesso a diversidade de gêneros literários. Por outro lado, o fato de alguns terem respondido o mais corretamente possível também não significa que sejam leitores, mas, ao menos, nos dá esperança de que sim. De qualquer forma, verificar o nível de conhecimento dos mesmos sobre gênero literário não é objetivo desse artigo.

Para quem respondesse sim à primeira pergunta, o/a discente, além do gênero, ainda tinha que dizer por que gosta de ler. Em relação a esta justificativa apenas seis alunos responderam: “*gos* porque

ajete predi”, “porq eu aprendo mas”, “eu amo lêr”, “Sim porque agente aprendemos”, “Sim por que eu viajo no tempo em *istoria* real”, “sim porque a gente fica inteligente”.

Baseados na parca quantidade de justificativas e nas respostas apresentadas podemos perceber a dificuldade dos alunos em relação à formulação de respostas e à realidade da leitura nesses espaços. Muito possivelmente, muitos desses alunos não leem e por mais que a maioria deles tenha marcado “sim”, como resposta no questionário, isso não significa que são leitores ou que tenham acesso a essas leituras que eles afirmam gostar, como comentado. São adolescentes e muitos queriam impressionar, como veremos mais abaixo. Contudo, para se chegar a uma certeza, o projeto tinha/tem como objetivo emprestar⁹ livros para os/as discentes e, posteriormente, fazer uma verificação de leitura (com o fim específico de verificar se, de fato, leram). Contudo, como já explicado anteriormente, as condições financeiras do projeto nos impediram e, depois, a pandemia. Por isso, não haverá mais oportunidade de fazer esse *feedback* com essas turmas, pois, pelo tempo decorrido, já devem ter finalizado o ensino fundamental.

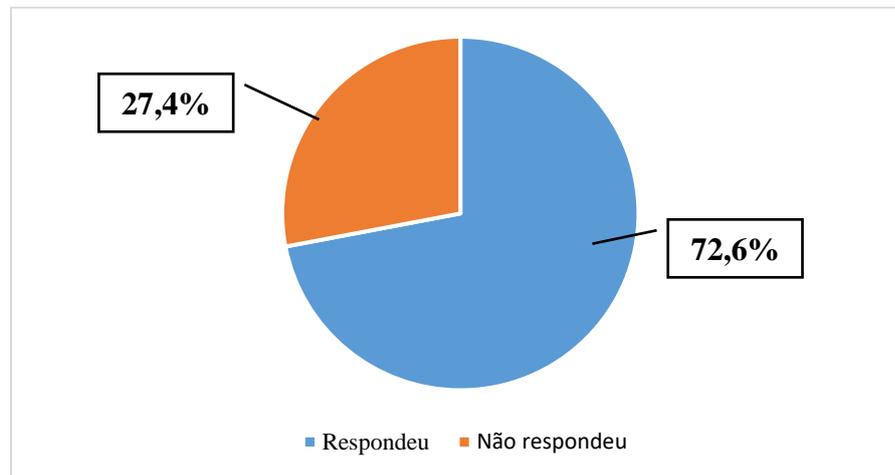
Com relação aos que dizem não gostar de ler, as justificativas foram: “por *tenho* dor de cabeça quando estou lendo”, “*por que* eu acho muito chato” e “eu não gosto”.

Se, de fato, o não gostar de ler estiver relacionado com a preferência subjetiva de cada um, a situação torna-se bem complexa para ser resolvida, pois nem toda escola ribeirinha e também da área urbana têm uma biblioteca com um número de títulos que contemple gostos díspares, como é o caso da escola em questão. Ainda que, por incrível que pareça, muitas pessoas acreditem que *todas as escolas* no Brasil são dotadas de belas e recheadas bibliotecas. Devido, portanto, à falta de obras literárias e a precariedade da infraestrutura escolar, muitos alunos, pela falta do contato mesmo, acabam concluindo que não gostam de ler e/ou que ler é algo chato. Logo, sem acesso ao livro, sem ler não há possibilidades alguma de habituar-se ao universo literário e tomar gosto por ele.

⁹ Em outubro de 2021, o projeto de extensão Mulheres Marajoaras em Cena (MMEC), também coordenado pela professora Sandra Maria Job, doou para o professor L. vinte exemplares do livro *Marias do Rio* (Ed. Scortecchi, 2021) para que ele trabalhasse com os discentes do 9º ano. Contudo, até o presente momento não foi possível ter um *feedback* dessa atividade, pois logo após a entrega dos livros para os alunos, houve um caso de covid na escola e as aulas presenciais foram, novamente, interrompidas. Com relação ao livro, o mesmo é uma peça teatral que aborda a violência de gênero, trabalho infantil etc. Tem como objetivo a educação para as relações de gênero, raça/etnia – que é um dos objetivos do MMEC.

Ainda no que tange ao questionário, buscando, na medida do possível, averiguar, de fato, a realidade desses discentes em relação à leitura literária, a segunda questão era um outro complemento para quem respondeu sim na primeira pergunta. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Gráfico 2: Se gosta de ler, qual o nome do último livro que você leu?



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre os 72,6% que responderam a segunda questão do questionário, vale ressaltar que dez (10) citaram livros que remetem à religião: “filipenses 1:v4”, *Esperança para família*, *Em busca de esperança* etc. Seis (6) discentes citaram livros didáticos: “Português”, “História” e/ou “de C.F.B”. Catorze (14) nem responderam essa pergunta. Em suma, esses alunos desconhecem ou não têm acesso a livros literários. Quanto aos livros *A esperança da família*, de Willie e Elaine Oliver, e *Em busca de esperança*, de Ellen G. White, são livros que foram distribuídos às escolas gratuitamente por membros da igreja cristã evangélica.

A realidade que se apresentava nesta escola em questão é: não possuía uma biblioteca e os livros que chegaram até eles são de religiosidades e/ou didáticos¹⁰. Ou seja, é grande a dificuldade com o trabalho com a leitura literária, pois a escola é distante do município de Breves, tornando

¹⁰Durante uma viagem para desenvolver pesquisa de campo, a profa. Sandra Job levou alguns exemplares de gibis, uns dois exemplares do texto infantil *Mila*, de Fernanda Munhão, outros títulos da coleção *Leia Para Uma Criança* (Itaú Cultural) e alguns romances como *A cor púrpura*, de Alice Walker, para doação em uma comunidade quilombola. Em conversa com três adolescentes de 13 e 15 anos, a professora perguntou-lhes se elas liam na escola e elas disseram que sim e que gostavam de ler. A professora então perguntou o nome do último livro que elas tinham lido. Uma delas, mais incisiva, respondeu que era o livro de história, que falava do Brasil, que era o livro que tinha na escola. Então, ela entregou os gibis e perguntou se já haviam lido gibis. Elas disseram que não e que na escola não tinha. A professora mostrou, folheando o livro *Mila*, e perguntou se elas já tinham lido algum livro assim, com histórias, colorido. Uma outra delas pegou o livro com interesse e todas responderam que nunca. Ou seja, muitos alunos gostam de ler, e talvez até venham a gostar de literatura, mas muitos que gostam de ler nem conhecem o livro literário ainda.

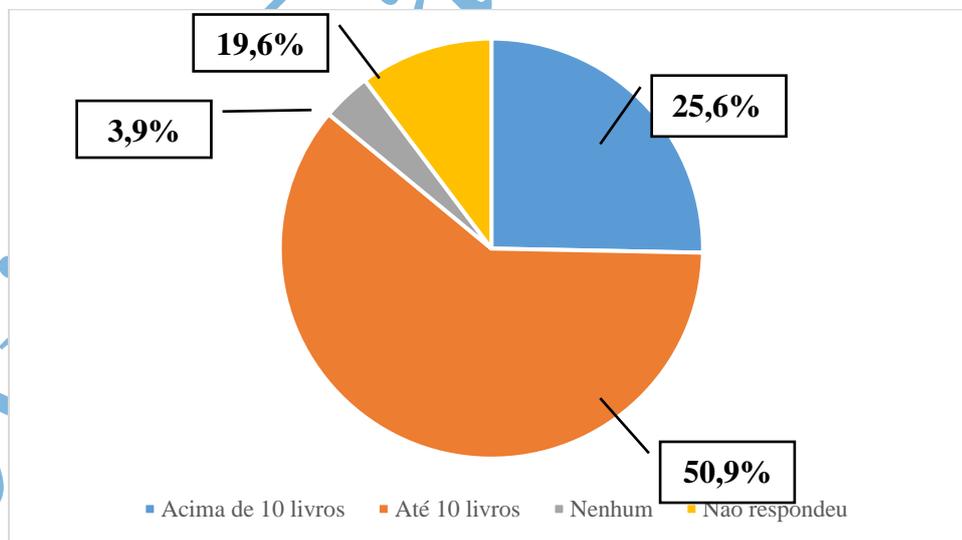
inviável para o professor levar cópias de contos e poemas, por exemplo. Em síntese, o ideal é que a escola tivesse uma biblioteca¹¹, principalmente por estar geograficamente isolada, muito distante de bibliotecas municipais.

Ainda em relação ao gráfico 2, vale ressaltar também que dezenove (19) alunos fizeram menção a alguma obra literária, porém, com algumas repetições de títulos que reforçam a ausência de diversidade literária. Os títulos citados foram: *O patinho feio*, *No mundo da lua*, *Branca de neve*, *Barbie*, *A falha (sic) manchada*, *A formiga*, *Joãozinho e seu touro mecânico*, *Turma da Mônica*, *O Pinóquio*, *A bela e a fera*, *A raposa e as uvas*, *A menina e o gato*, *João e Maria*, e *Cinquenta tons de cinza*.

Também foi observado que muitos alunos ficaram completamente perdidos em suas respostas, deixando o seu questionário incompleto, revelando, aparentemente, um distanciamento em relação a obras literárias e/ou dificuldade na leitura das perguntas.

Ainda em relação ao questionário, a terceira (e última pergunta) ainda tenta não deixar o aluno se eximir de fornecer a informação primordial, qual seja, se é leitor de literatura. Seguem os dados obtidos.

Gráfico 3: Quantos livros leu até hoje?



Fonte: Elaborado pelos autores.

¹¹ Segundo informação recente (2022), uma biblioteca foi construída na escola e está aguardando que o município entregue os livros.

Tem-se, portanto, que

1) Gosta de ler?	2) Qual nome do último livro que leu?	3) Quantos livros leu até hoje?
89,5% (sim)	72,6% (responderam)	76,5% (citou algum texto)

Muito embora quase 90% dos alunos gostem de ler, apenas 72% souberam dizer o nome do último texto lido. Ou seja, 16% gostam de ler, só que não souberam ou não lembraram o nome do último livro lido. E entre os quase 90% que afirmam gostar de ler, 13% deles não fazem nem ideia de quantos livros leram. E, seguramente, não é por terem lido em demasia. Pode-se concluir, portanto, que o sim assinalado por muitos na primeira pergunta não foi sincero e/ou consciente. Há ainda os que usaram de uma hipérbole, como os exemplos abaixo, para, cremos, ratificar o gosto pela leitura ou apenas para fazer graça. Observem que citam o último livro lido e em um dos exemplos o/a discente cita como gênero “istória real”. Esta “istória real” pode, sim, significar muita coisa (biografias, história do Brasil...), mas também pode significar que ele não gosta de ficção. Contudo, ele/a acrescenta os quadrinhos. Em suma, para melhor elucidar essas lacunas, incoerências, o projeto tinha que ter realizado as outras visitas previstas, mas, por falta de recursos financeiros, não foi possível e, logo depois veio a pandemia, como já comentado.

- 1) Você gosta de ler? não. por que não? sim por que eu viado no tempo
 sim. Que gênero? em istoria real quadrinho
- 2) Se gosta de ler.... Qual o nome do último livro que você leu? esperança boa om final feliz
- 3) Quantos livros leu até hoje? uns 1000
-

- 1) Você gosta de ler? () não. por que não? _____
 sim. Que gênero? historia em quadrinhos
- 2) Se gosta de ler.... Qual o nome do último livro que você leu? A aventuras de Hércules
- 3) Quantos livros leu até hoje? 5110
-

Há também os que nem responderam as perguntas 2 e 3. O não responder, contudo, não pode nos levar a crer que são estudantes que não leem. O tempo que os alunos tiveram para responder não foi muito. E como pode ser observado nas respostas transcritas mais acima, muitos têm dificuldade na escrita. E, com certeza, na leitura e interpretação das perguntas. Tudo isso aliado ao pouco tempo para responder resultou, muito provavelmente, em muitos questionários não respondidos, especialmente a última pergunta.

Sendo assim, os quase 90% que disseram gostar de ler e os mais de 10% que responderam não gostar de ler é que devem ser os alvos de preocupação. Estes porque precisam ser incentivados e motivados a ler; aqueles porque, embora gostem, não têm seu direito à leitura literária garantidos pela sociedade e pela escola, pelo visto, pois, diante dos livros citados por eles mesmos no questionário, eles não têm acesso a um vasto acerto de livros literários. Entenda-se aqui como vasto um mínimo de 100 títulos distintos.

Então, pode-se concluir, que, em se tratando da escola em questão, se ali os alunos não leem não é apenas porque não têm o hábito e/ou o gosto pelo texto literário. Afinal, para se adquirir um hábito ou um gosto por algo é preciso provar, experimentar. Com o texto literário não é diferente. E deixar a carga apenas do professor de língua portuguesa e/ou outra disciplina resolver a questão da leitura literária sem lhe dar mecanismos para isso é crueldade, pois a realidade é que a o meio de transporte aliado à distância de grandes centros urbanos são elementos complicadores. Contudo, o professor, seja o que está em sala de aula nessas escolas ribeirinhas, seja o que desenvolve projetos nelas, ainda é o único que pode fazer o texto literário chegar até esses alunos – como e do jeito que for possível, já que o poder público ainda insiste em esquecer, inclusive as crianças e adolescentes, enfim, os que vivem à margem, do outro lado da margem.

CONCLUSÃO

Muito embora a pesquisa tenha se debruçado em apenas um local/escola para estudo, em apenas um projeto de extensão voltado para a leitura e, além disso, muito embora o projeto em questão tenha sofrido impactos negativos de ordem financeira e pandêmica que atrapalharam o desenvolvimento do mesmo, deixando alguns dados sem uma análise concreta, o retrato obtido aqui é um reflexo de um problema grande que atravessa, há tempos, a questão da leitura literária em muitas escolas brasileiras e, em particular, nas escolas ribeirinhas do Marajó das florestas. Por isso, ao fim

deste, é possível concluir o quão longe está o dia em que o direito à literatura será respeitado pelo poder público.

Além disso, também foi possível concluir que mesmo nas áreas urbanas ainda é a minoria dos alunos que se torna leitor ao longo do ensino básico. Assim como é, por outro lado, na escola que muitos têm o seu primeiro contato com a leitura literária, como foi, por exemplo, o caso de um dos autores deste. De onde se conclui o quanto a escola ainda tem um papel primordial, essencial para o incentivo à leitura. E o quanto ela, infelizmente, ainda é falha em vários aspectos e por vários motivos que vão além dela mesma.

Conclui-se também que ainda cabe aos sofridos, explorados professores que atuam principalmente em escolas que vivem à margem, em todos os sentidos, cuidar para que direitos básicos, como o direito à literatura, cheguem aos alunos. O que sabemos que também é complexo, não é tão simples, pois o professor não pode solicitar/pedir que os alunos leiam quando não há livros¹² disponíveis para eles lerem (em casa eles também não têm, muitos também não têm celular e/ou internet boa o bastante para baixar livros), por exemplo. Porém, é preciso buscar mecanismos, em conjunto, para a superação do problema. E isso não é uma crítica, são palavras de encorajamento, palavras que, quem sabe, venham a nos fortalecer para a luta que é árdua.

E, por fim, concluímos que a raiz do problema passa pela infraestrutura da escola, no aspecto físico (falta de espaço, falta de livros literários). Neste contexto, se fossem proporcionadas políticas públicas para minimizar, ao menos, esse problema, concomitante a projetos de incentivo à leitura internos e/ou externos à escola, seria resolvida, até certo ponto, a curto e médio prazo, a falta de hábito da leitura dos alunos. O que não pode, de jeito nenhum, da parte de ninguém (sociedade, governo, instituições públicas e privadas, docentes) é fechar os olhos para o abandono educacional, no que tange a livros, leitura, biblioteca, nas escolas, em especial aqui, nas escolas ribeirinhas. Mudar essa situação está atrasada em mais de 20 anos, mas sempre é tempo para corrigir atrasos, principalmente para colocarmos os estudantes – que vivem às margens dos rios e distantes dos grandes e médios centros urbanos – no mesmo tempo cronológico dos direitos humanos usufruídos por quem vive nos centros urbanos. Afinal, todos nós, independente do lugar onde vivemos ou estudamos, somos brasileiros e temos o direito de ter nossos direitos garantidos, sem exceções.

¹² Iniciamos uma campanha de arrecadação de livros literários para doar nesta escola. Conseguimos, até o presente momento uns 50 títulos que serão entregues até o início do segundo semestre de 2022.

REFERÊNCIAS

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno.** Educare – XII congresso nacional de educação, São Paulo. ed. 12, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf. Acesso em: 05 de março de 2020

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor.** Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ev8c1sv>. Acesso em: 05 de dezembro de 2021.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1988.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAMPOS et al. Breves. In: FILHO MEIRELLES, João (Dir.). **Programa Viva Marajó - Diagnóstico Socioeconômico, Ambiental e Cultural do Arquipélago do Marajó.** Escuta Marajó. Instituto Peabiru, 2011. Disponível em: <https://institutopeabiru.files.wordpress.com/2012/09/vivamarajoescutamarajo.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2022.

CARVALHO, Damiana Maria. **A importância da leitura literária para o ensino.** ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 6, n. 1, p.(6-21), 2015. Disponível em: <https://profdamianacarvalho.blogspot.com/2018/06/a-importancia-da-leitura-para.html?m=1>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021

COSSON, Rildo. **A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino?.** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. (161-173), 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3735/3153>. Acesso em: 03 de dezembro de 2021

ESTABELECIMENTO escolar. Disponível em: [https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/Estabelecimento_Escolar_por_Regiao_Estado\(1\).pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/Estabelecimento_Escolar_por_Regiao_Estado(1).pdf). Acesso em 06 de maio de 2022.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor.** Campinas: Pontes, 1989.

VASCONCELOS, Jodilson; JOB, Sandra Maria. Análise de um projeto de leitura literária em uma escola ribeirinha: percurso e percalços. In: *Revista Falas Breves*, n. 11, junho, 2022, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-Pará. ISSN 23581069